

A PRÁTICA DOCENTE ORIENTADA POR TRÊS VERBOS: “OLHAR, ESCUTAR, RECONSTRUIR” - ANÁLISE DE UMA SESSÃO REFLEXIVA

Maria Ghisleny de Paiva Brasil¹

RESUMO

Neste trabalho enfatiza-se a prática docente embasada nos verbos: “Olhar, escutar e reconstruir” através da análise de uma aula com a temática “verbo” de uma professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Antônio Carlos situada no município de Caraúbas-RN. Os verbos supracitados “Olhar, escutar e reconstruir” foram utilizadas através de uma estratégia de formação que acontece em serviço, a sessão reflexiva. Por meio dessa prática formativa, pretende-se colaborar com a formação de profissionais críticos, que reflitam sobre suas práticas e sobre a aprendizagem de seus alunos. Existe uma relevância da aplicação destes três verbos no processo ensino e aprendizagem, sendo assim, da mesma forma que o docente deixa as suas impressões, o aluno também tem esta necessidade de protagonizar sua aprendizagem conforme Freire (1997). Nesse sentido, este estudo objetiva analisar uma aula de Português numa perspectiva colaborativa, que foi realizada através da análise dialógica de um corpus construído a partir de uma sessão reflexiva no grupo de pesquisa FORMAÇÃO – formação Continuada em colaboração da UFERSA - Campus Caraúbas. Para a construção deste estudo utilizamos Freire (1997), Nóvoa (2009), Tardif (2011). Como referência para a prática reflexiva apoiamos-nos em Zeichner (2008) e no conceito de Sessão Reflexiva, na perspectiva de Magalhães (2004, 2005) Ibiapina (2003), e Liberali (2009, 2012). Os dados produzidos foram organizados em torno de dois eixos: 1) Desafios e potencialidades da aula/temática em estudo; 2) Contribuições da sessão reflexiva para a formação profissional. Os resultados obtidos indicam que a sessão reflexiva é considerada uma prática formativa de grande relevância para o desenvolvimento profissional, pessoal, coletivo e que se reverbera no processo de aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Sessão reflexiva, Prática Docente, Verbo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a dinâmica da prática docente orientada por três verbos. Durante todo seu desenrolar tentamos refletir como os verbos “olhar, escutar e reconstruir” pode orientar a prática e a formação docente numa perspectiva colaborativa.

Apresentamos, a pesquisa colaborativa com/entre professores da educação básica e investigadores das universidades, tendo como pressuposto a ideia de formação continuada e de transformação das relações pedagógicas nas escolas. O apresentado, se relaciona às experiências de formação docente na perspectiva do Ensino Colaborativo

¹ Profa. Dra. do DLCH (Departamento de Linguagens e Ciências Humanas) da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA, maria.ghisleny@ufersa.edu.br;

desenvolvidas pelo projeto de pesquisa FORMAÇÃO – Formação Continuada em Colaboração vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido/UFERSA.

A pesquisa colaborativa parte, inicialmente, do pressuposto freiriano do “diálogo”, e, com ele, realiza pesquisas em que o avanço teórico-prático é mediado pelas representações dos professores, por suas experiências e histórias profissionais, institucionais e biográficas. Não se trata, portanto, de realizar formação continuada sem, antes e em todo o percurso, ouvir atentamente os professores, considerando-os como produtores de conhecimentos e, logo, como sujeitos fundamentais no processo educativo escolar, e, com isso considerar as alternativas que emergem da prática profissional, que não podem ser desprezadas no processo de mudanças educativas.

Para(1999), os homens são homens porque dizem a palavra e se relacionam por meio dela e nas suas relações sociais. Trata-se, o diálogo, de “encontro dos homens” entre si e mediados pelo mundo. Quanto aos pressupostos da formação colaborativa nos baseamos em Aguiar e Ferreira (2007), Ibiapina e Ferreira (2003), Paiva Brasil (2010), Pimenta (2005) e Zeichner (1993) , destacando seus pontos teóricos quanto a colaboração docente como um espaço onde profissionais docentes podem trocar experiências de sala de aula, além de refletir sobre práticas e conceitos. Aqui tratando-se especificamente de analisar uma aula de Português numa perspectiva colaborativa, que foi realizada através da análise dialógica de um corpus construído a partir de uma sessão reflexiva no grupo de pesquisa FORMAÇÃO – formação Continuada em colaboração da UFERSA - Campus Caraúbas.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho, parte dos estudos do grupo de pesquisa FORMAÇÃO que tem como definições metodológicas o cunho qualitativo e se baseia nos pressupostos da pesquisa colaborativa e se baseia em três etapas distintas: a primeira se constitui numa formação colaborativa, ou seja, nesta etapa acontece um processo teórico formativo em colaboração entre os participantes do grupo. O segundo, se refere a momentos de observação colaborativa nas salas de aula dos membros do grupo que são docentes. Por fim, a terceira etapa concretiza-se em um ciclo reflexivo com todas os participantes, momento em que ocorre a colaboração e reflexão sobre as práticas, propondo mudanças e redimensionamentos. Essas etapas levam os participantes a um

processo de investigação e reflexão, promovendo a aprendizagem entre as alunas e professoras.

Nos ciclos reflexivos do Projeto de Pesquisa FORMAÇÃO, se reúnem no campus da UFERSA-Caraúbas/RN: alunas de Letras Inglês, Letras LIBRAS, Letras Português, seis professoras da Educação Básica e quatro professoras do Departamento de Linguagens, Ciências e Humanidade. Antes de iniciar o ciclo ocorre a escolha de um dos colaboradores para realizar o registro em Diário de Campo, com base nesse material, utilizamos as falas para análise e publicações. As temáticas discutidas nos ciclos reflexivos são inerentes ao cotidiano da docência.

Os Ciclos Reflexivos são espaços para que, tanto as alunas quanto as professoras possam refletir sobre suas práticas de forma crítica. Segundo Ibiapina (2008), o trabalho de colaboração auxilia os participantes a investigar e refletir suas ações, analisando a possibilidade ou não de reestruturação do trabalho docente. Além disso, é colocado em prática o crescimento acadêmico do aluno e a formação continuada do professor colaborativo, pois como afirma Paiva Brasil (2003), a observação colaborativa potencializa a descrição, a interpretação, o confronto e a reconstrução de teorias e práticas relativas ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o saber é co(construído) e (re) construído.

Segundo Fairclough (1989) *apud*. Lopes (1996), há três aspectos formais que configuram a linguagem: valor experiencial (relacionado ao conteúdo mobilizado), valor relacional - (diz respeito às relações sociais desenvolvidas no discurso), e valor expressivo (ligado aos sujeitos e papéis sociais ocupados por eles). Consideramos que o sujeito professor é um sujeito que ocupa um papel na sociedade. No caso dos discursos nos ciclos reflexivos, é colocado em pauta as experiências e as relações sociais do indivíduo dentro da sala de aula. Sendo assim, nossa análise segue as diretrizes de valor relacional e expressivo.

Freire (2013) nos lembra a questão da dialogicidade da educação e o poder da palavra que, se autêntica, tem o poder de mudar o mundo, pois há nela ação e reflexão. O autor reforça ainda a importância do diálogo quando diz que “o diálogo é uma exigência existencial” (p. 80), por isso importante para definir os sujeitos no mundo e o diálogo como ponto de encontro entre o agir e o refletir.

Zeichner (1993) destaca os Ciclos Reflexivos como uma das estratégias usadas para a atividade da reflexão crítica sobre a prática docente. Os Ciclos Reflexivos são momentos para se analisar e avaliar as práticas, permitindo a realização do confronto entre

teoria e prática, promovendo a reelaboração de conceitos e a avaliação das possibilidades de mudanças no trabalho do professor. Sendo assim, este trabalho é pautado metodologicamente na análise de um ciclo reflexivo da aula de uma professora de Língua Portuguesa e colaboradora do grupo anteriormente mencionado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo foi voltado para a percepção e análise de uma observação em uma aula de Língua portuguesa numa turma do 7º ano do Ensino Fundamental. O aprender a conhecer e fazer, conduziu nas entrelinhas o nosso pensar e a observação da realidade da professora e dos alunos ajudando a solidificar a compreensão da importância do ensinar/aprender a ser se colocando no lugar do outro. Tanto o professor quanto os alunos foram protagonistas neste processo de ensino/aprendizagem.

Trouxemos essa vivência para ser refletida em um ciclo reflexivo e através do diálogo encontramos caminhos e pensamentos em torno de variadas alternativas para situações simples, porém complexas de aprendizagens. Houve trocas de experiências compartilhadas da realidade observada, comentários, conversas e aguçamos nosso potencial da percepção e escuta e criamos juntos num movimento colaborativo, alternativas sugestões e descobertas para encontrar o novo.

Durante o ciclo reflexivo, através do “escutar, olhar e reconstruir” se fazendo assim estes três verbos estratégias essenciais para reelaborar os processos de ensino/aprendizagem, no qual ambos personagens - alunos e professora se tornaram ao mesmo tempo aprendizes e guias, ensinando e aprendendo, tornando-se agentes da própria prática e mudanças.

Entre os vários aspectos discutidos da aula da professora em estudo, podemos destacar a necessidade de “olhar” o ambiente a sua volta a fim de transformá-lo exercitando o poder de “escutar” com sensibilidade e compreender o outro se colocando em seu lugar e “criando” maneiras de despertar o conhecimento. Neste sentido o aluno se torna agente de seu próprio aprendizado passando a compreender aquilo que é estudado na escola.

Freire (1996) destaca que existe uma enorme diferença entre a educação que perpetua a domesticação e a educação que liberta. Quando se realiza a domesticação não se tem espaço para as descobertas, nem para soluções de novos problemas. Através da

educação questionadora as amarras da repetição de conceitos dão espaço à descoberta e proporciona a visão holística que leva a criatividade.

Essa disponibilidade do “olhar” transformador, do “escutar” compreensivo e do “criar” para alcançar o novo, entre professor e aluno, conforme orientações previstas e apresentadas na pesquisa colaborativa encurta a distância entre eles, evitando a desmotivação de ambos, e promovendo aprendizagem que é o objetivo esperado. Da mesma forma que o docente deixa as suas impressões, o aluno deseja deixar as suas, colocando o processo de ensino/aprendizagem em prática, facilitando o desenvolvimento cognitivo do aluno e agregando aperfeiçoamento contínuo do docente conforme Freire (1996).

Segundo Nóbrega (2013, p. 52) “Quanto mais descobrimos, mais compreendemos quanto incompleto é nosso conhecimento” concordamos com este posicionamento e o complementamos com a aplicação dos verbos “olhar, escutar e reconstruir” onde chegamos à conclusão que estamos o tempo todo aprendendo a aprender.

A categoria dialogicidade é um dos pilares que sustentam a pedagogia e a antropologia freireana. Em Paulo Freire (1967) os homens são homens porque dizem a palavra e se relacionam por meio dela e nas suas relações sociais. Trata-se, o diálogo como o “encontro dos homens” entre si e mediados pelo mundo, ou seja, não se trata de diálogo entre duas pessoas, “eu-tu”, mas “eu-tu” e o mundo em que vivem.

Em suma, o diálogo proposto por Paulo Freire (2022) e transposto para a pesquisa colaborativa e para este trabalho pressupõe que esta não se faça a priori, mas, ao contrário, que seu desenho se faça no caminho, no contato dos investigadores com a escola. Novamente a síntese da proposta de investigação colaborativa: O desafio para o pesquisador, neste caso, é interpretar as intencionalidades dos sujeitos que agem, identificando formas e motivações das suas ações, procurando, para isso, penetrar o mais profundamente possível no universo dos sujeitos. Para isso é preciso abertura para conhecer, para dialogar, para ouvir, para falar etc. É preciso, sobretudo, encarar o outro, no caso os atores da escola, como sujeitos que têm o que dizer, sujeitos de conhecimento que merecem respeito.

Em suma, a colaboração não significa cooperação nem participação, significa oportunidade igual e negociação de responsabilidade, em que os partícipes têm voz e vez em todos os momentos da pesquisa. tanto o seu objeto quanto a sua opção metodológica. De acordo com os pressupostos da metodologia colaborativa, busca-se durante o processo formativo, desenvolver a capacidade reflexiva, sabendo que o ato reflexivo

proporciona o pensar a ação – antes, durante e após o ocorrido, como enfatiza Schon (2000).

Assim, desenvolvemos o enfoque em que, segundo Freire (1996, p. 38) “a prática docente crítica, implicante do fazer certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”, na perspectiva de compreender e captar o sentido da ação-reflexão-ação do grupo envolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a pesquisa crítico colaborativa na formação docente não é tarefa fácil e nem se esgota nas reflexões aqui apresentadas. O trabalho do professor deve ser visto de forma ampla e completa, com todas as influências que o cercam: política, instituição, alunos, outros profissionais etc. Paulo Freire nos leva a refletir sobre essas influências, em como o meio é fundamental para a constituição do sujeito, ao mesmo tempo em que esse sujeito também constitui o meio: meio autônomo-sujeito autônomo.

A ideia proposta pela pesquisa colaborativa, pautada pela dialogicidade e pela valorização dos professores como sujeitos produtores de conhecimento, tem o propósito de contribuir para uma outra prática de formação de professores que supere a tradicional forma na qual é a universidade que detém o conhecimento sobre a forma e o conteúdo desta formação. Valorizar os sujeitos da escola, especialmente os professores, e seus saberes e práticas, num processo dialógico, pode ser um ponto de inflexão na relação entre universidade e educação básica.

A base freireana da pesquisa colaborativa coloca em primeiro lugar o imperativo de equalizar os papéis dos sujeitos envolvidos na formação de professores, sem desconsiderar que esta equalização não suprime a diferença de papéis e, muito menos, as diferenças de trajetórias e objetivos da universidade e seus investigadores, e os professores que estão no “chão da escola”, trabalhando cotidianamente para a educação escolar das crianças e jovens.

Os conhecimentos acadêmicos, as teorias sobre educação e formação de professores somente ganham sentido se estiverem conectadas com a finalidade do processo educativo, qual seja, o de transmissão e apropriação dos conhecimentos e desenvolvimento das máximas potencialidades artísticas, da sensibilidade, da corporeidade, da criatividade entre outras dimensões. É a partir desta finalidade que a

pesquisa colaborativa, no diálogo entre universidade e educação básica, pode favorecer os professores na sua prática. Não se trata, portanto, de uma formação meramente teórica ou, muito menos, meramente praticista, mas uma formação teórica-prática.

Sobre a formação continuada colaborativa vivenciada no grupo de estudos FORMAÇÃO, a concepção própria dos sujeitos que vivenciam esse modelo de formação, perpassa pela dicotomia diretividade/autonomia; dialogicidade/responsabilização. Embora o aspecto da diretividade não seja excludente, em uma estrutura de aprendizagem coletiva que perpassa pela dialogia de maneira colaborativa, a autonomia do professor e do grupo no processo é central, como forma de responder as necessidades da prática, pela prática em vista da prática. Com isso, a marca valorativa e epistemológica é simultânea e inerente ao processo de formação de professores. Isso aponta, em sentido didático e processual, que a formação enquanto prática de uma ética coletiva tem como principal objetivo responder a permanente aproximação teoria-prática pedagógica.

Por último, a formação colaborativa dos professores visa uma reconstrução e cocriação de uma nova realidade histórica, partindo de um contexto escolar específico que responde a uma realidade social peculiar, conectado com o todo, por isso, predominantemente social. Nesse sentido, enquanto proposta, esta modalidade formativa contempla uma nova ação pedagógica com base em soluções de problemas sociais e reais voltados para a ressignificação das relações entre os sujeitos do conhecimento com o próprio conhecimento, guindando a perspectiva teórica conscientemente prática, configurando os três verbos que abordamos nesse trabalho: “olhar, escutar, reconstruir”.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *A sombra da mangueira*. 4 ed. São Paulo, SP: Olho d'água, 2001.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

LOPES, M. A. B. *A Análise do Discurso do professor: um instrumento para a reflexão.* In: 6º INPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 1996, São Paulo, 1996.

NOBREGA, Nanci Gonçalves da. Processo de ensino aprendizagem- UC1. In: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil. Departamento Nacional. *Pós-graduação em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.* Rio de Janeiro: SENAI CETIQT, 2014. Disponível em . Acesso em 14 set. 2014.

PAIVA BRASIL, Maria Ghisleny de. A contribuição do estágio supervisionado para a formação reflexiva do pedagogo. Natal, 2010. 190 p. Dissertação (Mestre em educação) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal, 2010. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2021.

ZEICHNER, Kenneth. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas.* Lisboa: Educa, 1993.